

PROBLEMAS PRÁTICOS NA APLICAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE CORES NAS CIDADES HISTÓRICAS

LETÍCIA BENDER¹; PROF^a. DR^a. NATALIA NAOUMOVA²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – leticiabender@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – naoumova@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As edificações históricas são a materialização do desenvolvimento das cidades nos diferentes contextos históricos e sociais, ou seja, representam as diferentes épocas de transformação da sociedade e de consolidação das cidades. Entretanto, a partir da globalização houve um rápido processo de transformação do mundo, e com ele a reprodução de modelos arquitetônicos similares em diferentes contextos - trazendo uma homogeneização dos lugares (AGUIAR, 2005). As edificações históricas, que antes criavam determinada identidade urbana, vêm sendo descaracterizadas para dar lugar aos novos interesses estéticos e imobiliários da sociedade atual. Segundo LO PICCOLO (1995), a identidade urbana seria aquele sentimento ao mesmo tempo individual e coletivo que se instaura entre cada cidadão e a própria cidade. Manter a identidade urbana pressupõe manter uma relação de estreito reconhecimento cultural entre quem habita e o próprio lugar (AGUIAR, 2005). Sendo assim, para resgatar a identidade urbana das cidades e valorizar as edificações históricas que nelas ainda se encontram, é necessário recuperar a imagem destes lugares. Na prática, esta imagem pode ser criada pelas cores, e uma das maneiras de retomá-la é através da aplicação do planejamento cromático - feito por meio da manutenção estratégica de cores, acabamentos e revestimentos das fachadas de determinado lugar.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar as etapas do planejamento de cores realizados em estudos de caso - destacando alguns motivos que dificultam a sua aplicação – e, a partir do estudo específico da cidade de Jaguarão, analisar as possibilidades de divulgação e aplicação dos planos cromáticos.

2. APLICAÇÕES E DIFICULDADES

Segundo LANCASTER (2006), o planejamento de cores é realizado da seguinte maneira: primeiramente se realiza uma pesquisa do local e do entorno, estudando-se os padrões, materiais e cores das fachadas da área de estudo. Após analisar esta pesquisa, desenvolve-se uma paleta de cores que represente esse lugar. Então, cria-se o plano de cores com uma paleta de opções de pintura para diferentes elementos das edificações – telhados, paredes de fachadas, portas, janelas e detalhes. Este guia é apresentado à população e o processo é implantado através de um acordo ou por meio de leis e decretos das prefeituras.

De acordo com a revisão bibliográfica de estudos de caso, o planejamento de cores teve êxito na remodelação pós guerra da cidade de Turin, na Itália. Segundo LANCASTER (2006), o plano foi iniciativa de autoridades públicas juntamente com arquitetos, e fornecia diretrizes de cores para as edificações da praça central e dos bairros do entorno. Um conselho especial de construtores foi criado para garantir a implantação do plano de acordo com a aprovação dos donos e usuários das edificações, e cerca de 80 cores foram selecionadas para

serem utilizadas nas fachadas. Turin é, até agora, a única cidade italiana em que a estratégia de cores foi imposta a todas as edificações dentro dos limites da cidade.

Já o projeto de preservação do centro histórico do Rio de Janeiro, conhecido como Corredor Cultural, que teve início em 1979, o planejamento de cores foi apenas uma das 26 propostas criadas para recuperação e valorização da área. A câmara técnica deste projeto era composta por escritores, poetas, pesquisadores, músicos, estudiosos e intelectuais renomados e respeitados pela cena carioca. Como explica MACEDO (2004), a decisão estratégica de construir um grupo de pessoas com diferentes formações, junto aos técnicos da prefeitura, colaborou para que fosse dado um tratamento diferenciado da área central e para que o impacto na mídia assegurasse a credibilidade de um projeto urbano de preservação junto à população. O objetivo principal do projeto era criar condições para a revitalização das atividades culturais e recreativas da área central, garantindo um suporte físico-espacial adequado – que incluía todo o conjunto de edificações, mesmo os imóveis que não tinham interesse histórico ou arquitetônico isoladamente, mas que em consonância com as atividades tradicionais ajudavam a compor a ambiência e identidade da área.

Em contrapartida aos estudos de caso apresentados, há uma dificuldade muito grande dos pesquisadores da área em aplicar os estudos e planejamento de cores, bem como há um desinteresse do poder público em incentivar e praticar melhorias na paisagem urbana das cidades. Geralmente as práticas são pontuais e ligadas apenas à aparência física de determinadas edificações com valor histórico e arquitetônico – desvinculadas da ambiência urbana e da memória cultural coletiva. Além do mais, não há um consenso da população em geral em reconhecer a necessidade de preservação da identidade urbana. Muitas pessoas são a favor do desenvolvimento contemporâneo da arquitetura e de ideais novas, mas não há um debate para abordar os conflitos entre as edificações antigas e as novas, assim como não há política pública que os oriente.

Além de proporcionar a harmonia do ambiente urbano, o planejamento de cores tem o potencial de fomentar o turismo e o desenvolvimento de cidades históricas que se encontram degradadas. Estes guias práticos de planejamento de cores se fazem cada vez mais necessários, pois nos dias atuais há uma grande poluição visual e desarmonia da ambiência urbana das cidades em geral, principalmente em centros históricos desvalorizados e com edificações descaracterizadas. Nos últimos anos o processo industrial trouxe ao mercado inúmeras opções de tintas, cores e materiais com valores mais acessíveis, e as pessoas passaram a modificar as fachadas de suas residências e comércios mais facilmente - muitas vezes sem consultoria de profissionais habilitados - gerando fachadas coloridas sem nenhuma preocupação com o entorno e a harmonia da rua, do bairro e da cidade.

3. PLANO DE CORES DE JAGUARÃO

A cidade de Jaguarão possui um vasto patrimônio arquitetônico e paisagístico formado por edificações elaboradas nos últimos anos do século XIX e início do século XX, período que delimita a fase áurea da construção civil local. São cerca de 800 edificações inventariadas e 650 tombadas. Como forma de gerenciar e valorizar esse patrimônio, durante diversos meses, com o apoio de programas de extensão da Universidade Federal de Pelotas, foram realizados estudos e oficinas práticas na cidade – como a avaliação da preferência de cores dos habitantes para as edificações do centro histórico (Imagem 01), (BANDEIRA

2014). Então, com base no trabalho realizado sobre cores dos estilos históricos de NAOUMOVA (2010), foi criado um plano de cores dirigido aos proprietários e locatários de edificações antigas, sugerindo diferentes cores para a pintura das fachadas (paredes, esquadrias e ornamentos) de edificações ecléticas, pré-modernistas e coloniais – estilos predominantes no conjunto arquitetônico da cidade. Para a divulgação desse plano foram criados guias práticos impressos em folhetos e encartes (Imagem 02), de maneira que a população adquirisse familiaridade acerca do assunto.



Figura 01: Preferências de cores da população em oficinas na cidade de Jaguarão/RS
Fonte: PROEXT 2014



Imagem 02: Modelo de folheto informativo das diretrizes para a pintura das fachadas para a população de Jaguarão/RS
Fonte: Produção própria durante bolsa de extensão PBIP

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os estudos de caso analisados, conclui-se primeiramente que o planejamento de cores deve ser um instrumento multidisciplinar e coletivo, ou seja, deve envolver pessoas de diferentes contextos e disciplinas – tanto o poder público, quanto profissionais interessados e frequentadores do lugar. A participação de pessoas de diferentes contextos e objetivos comuns é essencial para garantir a aplicabilidade e o êxito do planejamento, de maneira que as pessoas fiquem satisfeitas e reconheçam a melhoria da identidade urbana do local. Também, assim como foi realizado em Jaguarão, é necessário que haja uma consulta popular para avaliar as preferências cromáticas da população, analisando os fatores de influência, para que essas opiniões sejam consideradas no desenvolvimento do planejamento de cores para as cidades.

Além do mais, no planejamento de cores, é necessário que as estratégias de preservação extrapolem os edifícios isoladamente e criem mecanismos para conservar a ambiência urbana da rua, do bairro e das cidades. Segundo

NAOUMOVA (2009), a ausência de coordenação entre projeto arquitetônico e projeto urbano tem tendência a tornar o ambiente urbano caótico e incompreensível. Ou seja, as edificações não devem ser lidas como elementos únicos e isolados, pois elas estão situadas num espaço coletivo e de bem comum a todos.

A eficácia da aplicação do planejamento de cores dependerá de diversos fatores. A divulgação dos resultados a serem obtidos é de fundamental importância para a valorização destes pela população em geral. Essa, pode ser realizada por meio de propagandas, campanhas, divulgação de material impresso como folhetos explicativos, exposições em escolas e demais locais públicos, etc. Ademais, é imprescindível que os gestores públicos forneçam a imposição das diretrizes do planejamento de cores, incluindo-as no plano diretor, no código de obras e nas demais legislações correspondentes. Além disso, existem alguns instrumentos que podem servir de incentivo, como a concessão de isenção de IPTU para imóveis históricos e descontos na compra de tintas em lojas especializadas para a pintura das fachadas - de maneira que atendam às diretrizes do planejamento de cor e de preservação arquitetônica.

5. CONCLUSÕES

Os problemas existentes e os exemplos práticos de aplicação do planejamento de cor apresentados nesse trabalho, possuem relevância por fornecer conhecimento da dificuldade de comunicação entre a população em geral, o poder público e os profissionais e estudiosos. Como foi apontado anteriormente, essa falta de comunicação, debates e acordos, gera a imagem urbana caótica e sem valor estético que as cidades têm se tornado – sem o planejamento coletivo, a individualidade e falta de senso comum predominam enquanto as cidades se tornam cada vez mais feias e sem identidade.

Portanto, no caso de Jaguarão, se espera que haja um acordo com a prefeitura municipal. Dessa forma, seria possível criar eventos e campanhas para a valorização do patrimônio arquitetônico da cidade, e através de diretrizes em leis municipais, a aplicação do plano se tornaria viável.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, J. **Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do patrimônio**. Porto: Universidade do Porto, 2005.

BANDEIRA, G. M. ; NAOUMOVA, N. . **Centro Histórico de Jaguarão: Estudo da preferência da população quanto aos matizes da cidade**. In: II Seminário de História e Patrimônio: diálogos e perspectivas, 2014, Rio Grande. Caderno de resumos do II Seminário de História e Patrimônio: diálogos e perspectivas. Rio Grande: Editora FURG, 2014. p. 178-178.

LANCASTER, M. **Colourscape**. Londres: Academy editions, 1996.

NAOUMOVA, N. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. 27 de abril de 2009. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NAOUMOVA, N.; LAY, M. C. D. **Tipologia Cromática e Questões de Análise e Planejamento da Policromia das Edificações nas Áreas Históricas.** In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMONIO E PROJETO, 2010, Belo Horizonte. Paisagem cultural, patrimônio e projeto - Desafios e perspectivas. Belo Horizonte: Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentavel, 2010. v. 1. p. 137-138.

MACEDO, M. A. M. **A concepção do projeto Corredor Cultural do Rio de Janeiro: a participação de técnicos e intelectuais no processo de planejamento urbano.** Anais Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 8, n. 4, 2004.